



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

ARTE PORTUGUEZA: revista de archeologia e arte moderna¹ (Lisboa, 1895) – Publicação periódica ilustrada, e especializada em Artes e Arqueologia. Foi publicada “sob a protecção de Suas Magestades”, em Lisboa, de janeiro a junho de 1895, em seis números mensais; teve como responsáveis: Enrique Casanova (1850-1913), diretor artístico, proprietário, e fundador, Gabriel Pereira (1847-1911), diretor literário, e o aristocrata D. José Pessanha (1865-1939), secretário de redação.

E foi com estas palavras elogiosas que a revista *O Occidente* deu a conhecer ao público o novo título: “Representa esta revista um forte impulso dado a favor da determinação das correntes litterario-artisticas, que entre nós se manifestam. Apresentando a arqueologia, pelo lado artístico ameniza-a de modo a tornal-a agradável e interessante. É no interesse que tende a despertar que, esta publicação evidencia o seu mérito; o programma a que visa, assaz completo na especialidade, a competência do erudito que a dirige, são factores que, alliados á esplendida forma externa, material e artística, constituem na *Arte portugueza*, a melhor publicação no seu género, e que vem prestar um bom serviço, ao paiz e á arte nacional”.²

Desde o primeiro número, o artista mais presente no periódico é C^A – a assinatura artística de Enrique Casanova³, diretor artístico e proprietário da publicação. São de sua autoria os cabeçalhos da folha de rosto e das capilhas protetoras, nas quais incluem um desenho da janela manuelina do Convento de Tomar; são também de sua autoria muitas das ilustrações de artigos, nomeadamente desenhos de azulejos avulsos e de casas portuguesas tradicionais.

Nas capilhas desta publicação, para além da apresentação do Sumário e das ilustrações que integram cada número, prestam-se outras informações de natureza editorial: a palavra “ilustrada” é acrescentada ao subtítulo da revista; declaram-se “reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica”; informa-se que “assignaturas e annuncios recebem-se na Administração e na

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/arteportugueza/arteportugueza.htm>

²V. Rubrica “Publicações: *Arte portugueza*”. In *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, n.º 585, de 25 de março de 1895 (Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1895/N585/N585_item1/P8.html).

³E. (Enrique) Casanova (n. Saragoça, 1850 – m. Madrid, 1913). “Ilustre aquarelista e professor de pintura” nos reinados portugueses de D. Luís I, e de D. Carlos. Iniciou-se como artista na oficina litográfica do seu pai, mas foi como ilustrador polémico que teve “um êxito estrondoso em Madrid”, onde recebeu a comenda da ordem de “Isabel a Católica”. Depois, “veio para Lisboa, para a antiga Litografia Portugal, onde o seu trabalho foi logo muito celebrado” (ca. 1880). Acompanhou “a rainha D. Amélia numa viagem artística que fez ao Egipto”, como “pintor da real câmara”. Também pintou em óleo e pastel. Viveu trinta anos “entre nós”; e foi “comendador das ordens portuguesas de Cristo, Avis e Sant’Iago”. Após a proclamação da República, em 1910, voltou para Madrid. V. “CASANOVA (Enrique)”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 6, p. 120.

Livraria Ferin (Rua Nova do Almada, 74)”, em Lisboa (existente ainda hoje, em 2016), e que a redação e administração do periódico funcionam no “Salitre, 346, 1.º”. Também, após a terceira capilha (março de 1895), anuncia-se que “assigna-se e vende-se avulso, em Lisboa, na Administração (e) principaes livrarias e na *Galeria Monaco*” (existente ainda hoje); e na Livraria *Universal* dos Srs. Magalhães & Moniz, no Porto; além da Agencia do Sr. A. de Paula e Silva (veja-se o carimbo na primeira capilha), e nas livrarias dos Srs. Manuel Cabral e França Amado, em Coimbra. Não surge, porém, tabela de preços, avulso ou por assinatura, assim como não existe, em toda a publicação, qualquer anúncio comercial.

A pesquisa realizada revelou-nos onde publicação foi impressa (a informação não consta na ficha técnica), pois o bibliófilo Martinho da Fonseca (1869-1934) escreveu que foi “em Lisboa, (na) Imp. Nacional”.⁴

A coleção da Hemeroteca inclui uma pequena folha solta (27 cm x 16,5 cm) composta pelo cabeçalho da revista e o impresso para a sua assinatura; um “Suplemento ao N.º 4”, em folha dobrada, com uma composição intitulada “Grémio Artístico: 5.ª Exposição, 1895”, fotografada por *Camacho* (?), em Lisboa; uma “Circular” do proprietário E. Casanova, datada de 30 de setembro de 1895, três meses depois da data do seu último número (junho de 1895), o que talvez signifique que foi publicada solta ou que o seu n.º 6 sofreu atraso na sua impressão.

Nesta circular, de três páginas não numeradas, E. Casanova lamenta “a falta absoluta de auxilios em que punha a mais firme esperança” que o animaram a “fundar esta Revista”; aponta “a indiferença, por emquanto bastante acentuada, do publico, por tudo quanto a serio se refere a artes”, motivada “pela falta de compreensão do valor económico e moral da Arte nas sociedades modernas”, e “as avultadas despesas de colaboração litteraria e artistica”, que o obrigam “a suspender, n’este sexto numero, a publicação da *ARTE PORTUGUEZA*”.

PROGRAMA E BALANÇO DA PUBLICAÇÃO

Gabriel Pereira⁵, diretor literário da publicação, abre-a com o texto “Arte portugueza”, começando por teorizar que “arte, em sentido geral, é o modo de

⁴“Imp. (Imprensa) Nacional” (antiga Imprensa Régia; era, e é a tipografia oficial portuguesa). V. Martinho da Fonseca – “Arte Portuguesa”. In *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva*, p. 70.

⁵Gabriel Pereira (n. Évora, 1847 – m. Lisboa, 1911). Publicista e escritor. Começou a sua atividade profissional como professor liceal, dedicando-se à história e à arqueologia. Depois, “amanuense arquivista na Misericórdia de Évora, ali trabalha durante catorze anos”. Então, começa a publicar trabalhos que o colocam entre os “eruditos de vários países”. Sobre “a geografia da Península Ibérica”, traduz clássicos como Estrabão e Plínio. “Em 1880, a Universidade de Coimbra confia-lhe a elaboração do índice provisório dos documentos do seu cartório [...]. Em 1887, António Enes convida-o como empregado extraordinário da Biblioteca Nacional de Lisboa; em 1888 é conservador [...]. Membro da Real associação dos Architectos e Arqueólogos Portugueses, da Sociedade de Geografia, da Sociedade Literária Almeida Garrett, etc.” [...]. Foi ainda autor de contos.” V. “PEREIRA, Gabriel Vítor Manuel do Monte”. In *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. II, p. 307.

fazer qualquer coisa, segundo certo methodo. Tudo o que para existir careça da intervenção da vontade, do espirito e da mão, é arte, ou objecto de arte. Aptidão manual executando a idéa é a base do artista. Artes plásticas, artes do desenho, são as criações que impressionam pela vista: – a architectura, a esculptura, a pintura, as três superiores ordens da criação plástica.”

Mais à frente, o autor escreve sobre as linhas programáticas da publicação que são baseadas nos elementos artísticos portugueses que “não faltam”. E esclarece que “a cada passo se topam vestígios da arte antiga; elementos de artes ingenuas, barbaras, e primores das civilizações classicas; o nosso paiz é mina archeologica inexgotavel. Cabe na *Arte Portuguesa* a menção e estudo d’esses monumentos; mais attenção, todavia, merecem os nacionaes e os que immediatamente se lhes relacionam; havia arte e trabalhou-se muito na alta Edade-media, na patria portugueza.” (n.º 1, p. [1]).

Na sua circular mencionada atrás, Casanova, de nacionalidade espanhola, escreve: “comecei por traçar um programma diverso do das publicações similares do estrangeiro, e adaptado ás necessidades especiais das artes e industrias portuguezas no actual momento; procurei colaboração escolhida, quer litteraria quer artística [...]. Os numeros publicados, se não definem por completo a natureza e intuitos d’esta Revista, cujo principal objectivo era dar ás artes decorativas a feição essencialmente artistica e nacional, cuja ausência tão ruinosa é para este paiz, – deixam, contudo suppôr o que seria possível conseguir, tanto na parte material, como na doutrinaria e artística. Sinto não ter podido, por falta de tempo, cumprir o programma no que se refere ás industrias e ás escolas profissionais”. O autor termina a circular, dirigindo-se pessoal e profissionalmente “a todos quantos mostraram comprehender o meu intuito e me auxiliaram n’esta mallograda tentativa, dou aqui, effusivamente, publico testemunho do meu apreço e da minha gratidão”; e “aos assignantes de anno, peço a fineza de me reenviarem os seus recibos, para lhes ser desde logo abonada a importância do semestre de que lhes sou devedor.”

ESTRUTURA GRÁFICA

A revista, impressa a duas colunas em papel de qualidade superior, mede cerca de 37 centímetros de altura; é constituída por 24 páginas por número, num total de 144 páginas numeradas sequencialmente de número para número.

Os números da publicação apresentam um cabeçalho, ilustrado por Casanova, logo seguido por textos impressos e ilustrados, encimados por títulos em maiúsculas. Os seus artigos iniciam-se por Letras Capitulares, também desenhadas ou reproduzidas por Casanova. Referem-se estas letras como “autenticamente portuguezas”, pois muitas das “que entram n’este numero são do missal de Arouca, códice illuminado que pertence á colleção da Bibliotheca Nacional”, em “As nossas iniciais” (n.º 1, p. 23).

A única rubrica fixa da revista intitula-se “Noticiário”; não se encontra assinada, e fecha os números três, quatro e cinco; os seus assuntos são de natureza noticiosa sobre arte, artistas, e descobertas industriais. Na sua primeira

ocorrência, destaca-se uma notícia iniciada com Letra Capitular, informando que “foi no dia 15 de março (1895) que se realizou a abertura da quinta exposição anual de bellas-artes, organizada pelo *Gremio Artístico*. São 224 os trabalhos expostos, e 62 os concorrentes, entre os quaes Sua Magestade El-Rei” – D. Carlos, discípulo do mestre Casanova –, (n.º 3, p. 72).

COLABORADORES

Gabriel Pereira abre todos os exemplares da revista, com textos de crítica de Arte (ou editoriais) que se intitulam: “Esthetica portugueza” (n.º 2), “Da critica artistica” (n.º 3), “Recheio da casa” (n.º 4), “Arte Industrial” (n.º 5), e “Restaurar e conservar” (n.º 6). Este autor é um assíduo colaborador da revista, contribuindo na dupla vertente de textos sobre Arqueologia e sobre Arte.

O professor José Pessanha⁶ publicou uma importante colaboração arqueológica na revista. No entanto, pela natureza pedagógica, destacamos igualmente o seu contributo com textos de crítica de Arte: “Francisco Henriques” (um vidreiro), “A quinta exposição do Grémio Artístico” de 1895 (n.º 4); e “Faienças portuguezas: notas” (n.º 6).

A. Gonçalves (1848-1932) colabora com o seu texto “Pulpito de Santa Cruz de Coimbra”, o qual também ilustra como artista, com dois desenhos, Santo Antão e S. Jerónimo, e baixos-relevos do Jardim da Manga (n.º 4, pp. 77-79).

Joaquim de Araújo (1858-1917) colabora também na dupla vertente dos temas de Arte (com “*Mínima dicta*”, n.º 2, p. 45-46) e de Arqueologia (com “Pequenas notas: I. A capela de Santa Maria nos Açores, II. Uma janela manuelina”, ilustrado por Casanova, n.º 5, pp. 108-110).

Zacharias d’Aça (1839-1908), como crítico de Arte, publica em continuação o texto “A Arte Portuguesa em 1894: I. As exposições; II: A Exposição do Grémio Artístico”, (n.ºs 1- 4).

Da mesma geração, Ramalho Ortigão (1836-1915), escreve uma crítica artística elogiosa do pintor “Silva Porto” (1850-1893), representante da “pintura de paisagem”. Ortigão teoriza que, “na paizagem como Silva Porto a comprehendia e como em França a comprehende Claude Monet (1840-1926), acha-se hoje perfeitamente definido que nenhum aspecto da natureza, ainda que com bom tempo fixo, permanece por mais de trinta minutos” (n.º 2, p. 28).

⁶D. José (Maria da Silva) Pessanha (n. Lisboa, 1865 – m. 1939). De origem nobre, foi “erudito arqueólogo, etnógrafo, crítico e professor” de História de Arte na Escola de Belas Artes, e escritor. Fez o “Curso Superior de Letras e o de bibliotecário arquivista, sendo nomeado amanuense do Arquivo da Torre do Tombo (12-01-1887)” e promovido a seu conservador. Foi “vogal do Conselho de Arte e Arqueologia, e da Comissão dos Monumentos Nacionais”, e incumbido das comissões de inventário do espólio do “Arquivo da Direcção Geral de Marinha”, etc. “Pertencia ao Instituto de Coimbra, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Sociedade de Geografia de Lisboa”, e outras. “Com o pintor Casanova dirigiu a revista *Arte Portuguesa* (1895)”. V. “PESSANHA (José)”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, V. 21, p. 472.

Manuel de Macedo (1839-1915), sob o pseudónimo Pin-Sel, publica textos em todos os números da revista; iniciando-se com o artigo continuado de crítica de Arte “Nacionalização dos Estylos” (n.ºs 1-2); e concluindo com outro sobre artes decorativas em “A Segunda Renascença”, ilustrado por Casanova, (n.º 6).

Augusto de Mello (1853-1933), em “A representação da *Griselia* no Theatro de D. Maria II”, colabora com uma crítica de teatro, que inclui dois desenhos assinados por Casanova, referentes aos atores principais: Rosa Damasceno e João Rosa (n.º 1, p. 11); também contextualiza historicamente a peça dramática. E, na continuação do seu texto, o autor apresenta o elenco dos atores, ou seja, a “distribuição que a peça teve entre nós” (n.º 2, p. 38).

Nomeamos, também, outros colaboradores em crítica de Arte: Gomes de Brito (1843-1923), Souza Viterbo (1845-1910), Monteiro Ramalho (1862-1949), A. A. Baldaque da Silva (1853-1915), Conde de Ficalho (Francisco Manuel de Mello Breyner?) (1837-1903), Ernesto Vieira (1848-1915), e Maria Ribeiro Arthur.

No campo arqueológico, convidamos os interessados a escolherem as suas leituras, pelos sumários da revista, onde, entre outros, constam mais autores: Oliveira (1857-1945), Luciano Cordeiro (1844-1900), B. S. Ribeiro Artur (1851-1910), Zeferino Brandão (1842-1910), Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931), e Mêna (?).

O recurso à ilustração é recorrente nas páginas da revista, merecendo menção alguns artistas que nela colaboram: L. Óscar (1862-?), J. (João) Vaz (1859-1931), A. Conceição Silva (1869-1958), L. Freire (1863-1935), o gravador L. Lallemand (1863-1929), e Rafael Monleon (1843-1900).

Salientamos a colaboração artística da família real portuguesa: a rainha D. Maria Amélia de Orleães (1865-1951), para o texto de F. E. de Serpa Pimentel (1853-1929), sobre “As Caldas de S. Pedro do Sul” onde publica dois desenhos *á penna* (n.º 1, p. 19, p. 21); e, na continuação do texto “A Pena: carta a D. José Pessanha” de A. Braamcamp Freire (1849-1921), o rei D. Carlos (1863-1908), cede a fotografia “Claustro da Pena” (n.º 2, p. 40).

Citamos novamente *O Occidente*, pois publicita, também, o número cinco desta publicação: “Entre os artigos que esmaltam este número sobresahe, por ser lindissimo, o intitulado *Ferragens* devido á penna erudita do distincto archeologo portugûes Gabriel Pereira. *Cálices Bysantinos (do Museu nacional)* é um trabalho seguro, escripto por D. José Pessanha, o incansável secretario da redacção da *Arte Portuguesa*. *Rendas portuguezas* é artigo sympathico, emoldurando um formoso desenho de magnifico trabalho da escola de rendas de Lisboa. A auctora do citado artigo á a Ex.^{ma} S.^a D. Maria Ribeiro Arthur” (a única mulher que aqui publicou, n.º 5, p. 117-119). Conclui com “Variados são os mais artigos e as ilustrações adequadas perfeitamente”⁷.

⁷V. Rubrica “Publicações: *Arte portuguesa*”. In *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, n.º 600, de 25 de Agosto de 1895, p. 192 (Disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1895/N600/N600_item1/P8.html).

A revista *Arte Portuguesa* teve uma vida efémera, extinguindo-se ao 6.º número por problemas financeiros decorrentes da “falta absoluta de auxílios” e da “indiferença, por enquanto bastante acentuada, do público”.

De acordo com Casanova, ficou por cumprir o ambicioso programa e o desígnio último (justificativo, de resto, da junção da arqueologia e da arte moderna num mesmo projeto editorial) de contribuir para a “criação de uma arte portuguesa, e portuguesa de lei, - nova, sim, mas firmada na experiência do passado artístico da nação”, “propaganda [...] tanto mais urgente, quanto é absurda e perigosa, sob o ponto de vista artístico e económico, a excessiva importação actual de productos que se não harmonizam geralmente com a raça, o clima, os usos e as tradições do paiz”, numa “cega e rotineira imitação de produtos extranhos, que nunca poderão satisfazer o sentimento artistico nacional”.

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 17 de maio de 2016.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FONSECA, Martinho da – *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva*, Coimbra : Imprensa da Universidade, 1927.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

LISBOA, Eugénio (Coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses / Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (Org.)*, Vol. III. Mem Martins : Publicações Europa- América, 1990.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1999.

READ, Herbert (Org.); PÉREZ, Teresa Louro, trad. – *Dicionário da Arte e dos Artistas*. Lisboa : Edições 70, imp. 1990.